



O PODER DA FALA

Carlos Roberto Sabbi - UCS

Resumo: Qual é realmente o poder do verbo pronunciado? Essa é uma questão que se existe em alguma literatura, está obscura. Uma ampla exploração bibliográfica demonstra a importância que a oratória tem na humanidade, ao mesmo tempo em que indiretamente provoca uma série de questionamentos. Instiga e demonstra que a persuasão pode arrastar multidões até ao suicídio coletivo. Por que, sendo algo tão importante e poderoso, a oratória tem sido geralmente relegada dos processos educativos, mesmo remontando à Grécia de Platão o reconhecimento do seu significado? O objetivo deste artigo é tratar da fala e de seus efeitos, do seu poder e das suas mais diversas utilidades de acordo com as finalidades desejadas. O destaque, porém, é exatamente a questão do seu poder influenciador e transformador. Nessa ênfase é que se buscará uma reflexão. Das diversas intervenções dos autores pesquisados, destaca-se Aristóteles quando diz que a retórica sempre foi uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso. Uma coleção de observações e afirmações com o intuito de provocar um leque de questionamentos. Centralizar-se-á aqui um foco na capacidade envolvente e transformadora que a fala produz, direcionando o estudo, sem a ambição da amplitude da Teoria dos Atos de Fala, desenvolvido pelo filósofo inglês Austin (1962) e posteriormente levada adiante por Searle, Grice e Strawson.

Palavras-chave: fala; verbo; comunicação; persuasão; poder.

INTRODUÇÃO

Algumas especulações dão conta de que o início da fala deu-se entre 400.000 anos e 60.000 anos passados, ligando-as a Rebelo (2007) o qual cita a descoberta de um osso hióide – situado na base da língua – em uma caverna do Monte Carmelo, em Israel. Esse achado faz crer que o homem tenha começado a falar – ou começado a tentar falar – cerca de 60 mil anos antes da Era Cristã. Seja como for, o objetivo deste artigo é tratar da fala e de seus efeitos, do seu poder e das suas mais diversas utilidades de acordo com as finalidades desejadas. O destaque, porém, é exatamente a questão do seu poder influenciador e transformador. Exatamente nessa ênfase é que se buscará uma reflexão neste trabalho.

Sobre a fala e de seus efeitos, pouco se tem escrito, pois raras são as obras que tratam

efetivamente dessa questão. Aprofunda-se aqui uma pesquisa nas mais diversas áreas, especialmente na Filosofia da Linguagem. O aspecto influenciador, persuasivo e de convencimento que a palavra, notadamente a falada, ou seja, em forma de discurso, pregação, etc., provoca nas pessoas, muitas vezes atraindo multidões, praticamente nada foi encontrado.

A comunicação oral entre os seres humanos, a fala, é a expressão da linguagem, que traz em seu bojo uma fonte mágica de poder, como veremos na sequência. Pode ser enquadrada como uma arte requintada, da qual poucos dominam e sabem aproveitar. O fato de existir pouco material sobre isso expressa a pouca preocupação que se tem dado sobre o poder da fala, ao menos para a grande parte da população, incluindo-se aí a própria comunidade científica.

Desde a Revolução Industrial há um crescimento cada vez maior de empresas em relação ao universo de consumidores, o que explica o elevado nível de competitividade que atingiu o mercado. O lucro, tão necessário, não somente ao desenvolvimento, mas a própria sobrevivência empresarial fica cada vez mais difícil de obtê-lo, se exigindo cada vez mais da criatividade administrativa. Assim, a inovação se tornou uma competência básica até para se manter no mercado, quem dirá para se desenvolver. Para dar conta disso falta tempo para quase tudo. O campo das pesquisas fica cada vez mais restrito a poucos países desenvolvidos. Porém, felizmente, a própria máquina econômica financeira tem provocado um desenvolvimento da ciência. O que preocupa é o uso que as descobertas. Assim, considerando-se a quantidade de pesquisa pura e desinteressada pelos efeitos econômicos, fica ainda mais reduzida.

Mas, por que um poder tão extraordinário como a fala ainda não foi devidamente explorado? Em termos de mercado é pertinente afirmar que o fato se trata de um verdadeiro nicho de mercado. Algo com um potencial latente a ser desenvolvido e explorado e que no final pode corresponder a lucro, sob essa ótica empresarial.

O fato é que se observa que poucos fazem uso dessa ferramenta¹ ou desse instrumento² e os poucos que o fazem, nem sempre são com intuítos honestos, muito menos altruísticos, como será discorrido mais adiante. Afinal de contas, é público e notório que no mundo a predominância dos valores econômicos e materiais superam de longe os valores intangíveis ligados à virtude. Assim, não seria diferente com essa questão da fala e do seu poder influenciador.

1 O VERBO PRONUNCIADO

O relacionamento e a convivência entre os seres humanos estão intimamente interligados pelo verbo e na maioria das vezes pelo verbo pronunciado, ou seja, pela fala. Através da comunicação acontece a interação de sentimentos, razões, conhecimentos e pensamentos, e é exatamente neste ponto – a obra da expressão falada – que a jornada humana tem sido influenciada, por poucos, é bem verdade.

Alguns mestres dessa arte do falar conseguem comandar multidões, como é o caso de alguns religiosos e políticos.

Hay (2007), uma das notáveis propagadoras de palavras do bem, diz que cada célula reage a cada pensamento que você tem e cada palavra que fala.

Dessa forma, dá-se início a uma reflexão pontual na dança das formas, das letras, num movimento expressionista e, sobretudo com caráter de cientificidade, com o intuito de compreender-se um pouco mais sobre o verbo expresso e, mais particularmente o pronunciado. Para dar início a essa tentativa de compreensão, não há como omitir a particularidade fundamental que cria a própria condição da existência da fala, que é o

¹ Sob a ótica da ciência administrativa.

² Sob a ótica das ciências da comunicação.

acontecimento singular do som.

Sob o prisma de uma visão ampla e sistêmica de tudo mais que é produzido com ou pelo som, como a música, os mantras, etc., o bom senso requer salientar que não será tratado aqui nenhum aspecto comparativo quanto à importância da fala em relação às demais produções obtidas com o som como matéria-prima. A propósito, seria justo dedicar outro espaço para discorrer e analisar sobre as origens, utilidades, significados e tudo quanto envolve esses outros fenômenos produzidos pelo som. A música, uma das citadas, é apontada como uma ponte para níveis mais elevados de vida, conectando frequências mais sutis, conforme propõe Sorge (2011). Os mantras, por sua vez, são utilizados das formas mais variadas, geralmente levando a purificação, tendo origem nas vibrações da criação do universo, de acordo com a explicação de Kupfer (2011).

Defleur e Ball-Rokeach (1993), dizem que está plenamente comprovado que as técnicas que empregamos para nos comunicar com os outros são as mesmas que nos comunicamos conosco, intimamente. Observam uma segunda missão importante com que se defrontam os estudiosos da comunicação que é explicar a natureza fundamental do processo da comunicação humana.

As comunicações, consubstanciadas basicamente pelo verbo também possuem ampla abordagem, profunda, instigante e significativa. No Novo Testamento, na Bíblia, no Evangelho segundo São João encontra-se que:

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada se fez de tudo que foi feito. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.”
(Bíblia, 1982, p. 2824.)

Pois essas questões, permitindo-se adotar um aspecto meramente ilustrativo, dá forma a um breve prólogo do sentido fenomenológico e influenciador que a palavra exerce na vida do ser humano. Desconhece-se praticamente tudo quanto a influência do som exerce na vida dos animais irracionais. Porém, não seria de admirar uma extensão profunda, similar ao

que o verbo produz na dimensão da vida dos homens.

Gurdjeiff (2007) disse que “Se o Verbo é a origem, a consequência é a existência humana e sendo assim fica caracterizado que o verbo possui poder e reside em cada ser humano.”

Hegenberg em sua obra “Saber de e saber que” descreve que:

De acordo com alguns autores clássicos (p. ex., K. Bühler, *Sprachtheorie*, Jena: 1934) uma língua possui três funções principais: *expressiva* (que permite manifestações emotivas), *senalizante* (que induz o interlocutor a reagir, emitindo respostas linguísticas) e *descritiva* (que autoriza discorrer a respeito de estados de coisas). Outros autores, ampliando essas considerações, notam que é preciso ter em conta uma quarta e mais “nobre” função: a exploratória, ou *argumentativa* (como a denomina K. Popper, em *Conjectures and refutations*, London, 1963), abrindo margem para a formulação e a comparação de argumentos e de explanações – dois elementos imprescindíveis em qualquer tentativa de resolução de problemas. (Hegenberg, 2001, p.49)

Obviamente que o sucesso da fala ou do discurso, importará na qualificação e maestria do orador, na medida em que conseguir navegar de forma hábil em todas as funções que a linguagem pode proporcionar, construindo um poder articulador e envolvente frente aos seus interlocutores ou plateia. Importante destacar a observação de Koch (1987), o qual chama a atenção para o fato de que, na língua portuguesa, o verbo “poder” é um dos que apresenta maior número de significados, tanto no âmbito semântico quanto no de força ilocucionária. O poder do verbo pronunciado é de uma dimensão significativa e que envolve todos os âmbitos. E a palavra-chave, neste momento, é de fato “poder”. Centralizar-se-á aqui um foco na capacidade envolvente e transformadora que a fala pode produzir, sem a ambição da amplitude da Teoria dos Atos de Fala, desenvolvido pelo filósofo inglês Austin (1962) e posteriormente levada adiante por Searle, Grice e Strawson.

Defleur e Ball-Rokeach (1993), citam que durante o século XVIII, escritores como Immanuel Kant expuseram a tese de que os seres humanos reagem ao mundo não tal qual existe, no sentido de realidade objetiva, mas ao mundo que constroem em suas próprias mentes.

Foucault (2007) traz uma abordagem dignificante sobre as palavras e afirma que o

limiar da linguagem está onde surge o verbo, – decisivamente irreduzível – num paralelo com a preposição.

A estrutura de uma boa oratória deve conter não somente palavras adequadas, construção e combinação de termos, além da aplicação decisiva do verbo, como predicado para o convencimento. Passa pela arte da ênfase, do tom, do volume, dos gestos, do olhar, do conjunto de atos, enfim, que produza uma expressividade contundente e efetiva. O efeito disso são resultados, até mesmo, avassaladores nas massas e em todos os seus estratos. Veja-se isso nos campos da política, da religião e da música, onde não é rara a produção até mesmo de fanatismo por questões ou pelo próprio orador, quer seja religioso, político ou artístico.

Defleur e Ball-Rokeach (1993), acreditam que o mais significativo para o estudo da comunicação é o Paradigma Cognitivo³ que abertamente coloca em posição central as atividades mentais de seres humanos normais na elaboração de sua conduta.

Todas essas constatações estão de pleno domínio público, mas juntá-las dá uma reflexão profunda, instigante efetivamente, pois abre as portas para a possibilidade de pesquisas, aí sim pontuais, como por exemplo: o nível de fanatismo é atingido mais por influência de terceiros ou por autoconvicção? Porém, neste ponto, desconsiderando-se outras variáveis, só pelo fato em si - o de provocar fanatismo – já é mais do que suficiente para observar-se que o poder da palavra é imenso.

A importância da fala já seria o suficiente para que se adotasse uma educação mais refinada nesse sentido. Numa postura crítica a construtiva é possível questionar o próprio sistema de ensino, onde não parece existir uma ênfase adequada e coerente com essa realidade

³ O paradigma cognitivo é um desenvolvimento da psicologia gestalt da década de 1920, com teorias de campo apresentadas durante os anos 30, e uma grande bibliografia contemporânea de psicologia social experimental. Dentre as obras mais expressivas das últimas décadas estão Leon Festinger, *A Theory of Cognitive Dissonance* (Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1957); J. W. Brehm e A. R. Cohen, *Explorations of Cognitive Dissonance* (Nova York: Wiley, 1962); R. P. Abelson et al., org., *Theories of Cognitive Consistency: A Sourcebook* (Chicago: Rand McNally, 1968); D. J. Bern, *Beliefs, Attitudes, and Human Affairs* (Belmont, Calif.: Brooks-Co e, 1970); e L. Berkowitz, org. *Advances in Experimental Social Psychology* (Nova York: Academic Press, 1974). (Nota do livro *Teorias das comunicações de massa* de DEFLEUR e BALL-ROKEACH (1993 pp. 375-376)

e, por que não dizer, necessidade. O que há efetivamente é um imenso vazio sobre essa questão.

2 O FANATISMO

Segundo o Dicionário Houaiss, fanatismo é um zelo religioso obsessivo que pode levar aos extremos de intolerância. Certamente é possível acrescentar um zelo político obsessivo, além do religioso. Por tudo quanto a humanidade tem presenciado, em toda a sua história, por atos de fanáticos, não é excesso declarar que o fanatismo é um dos maiores males produzidos pelo ser humano, geralmente com consequências trágicas.

Encontra-se no Dicionário Filosófico Voltaire, uma definição e algumas explicações brilhantes sobre o tema:

Fanatismo é para a superstição o que o delírio é para a febre, o que é a raiva para a cólera. Aquele que tem êxtases, visões, que considera os sonhos como realidades e as imaginações como profecias é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com a morte é um fanático. Há fanáticos de sangue frio: são os juízes que condenam à morte aqueles cujo único crime é não pensar como eles; e esses juízes são tanto mais culpados, tanto mais mercedores da execração do gênero humano, quanto, não estando tomados de um acesso de furor como os Clément, os Chatêl, os Ravaiillac, os Gérard, os Damien, parece que poderiam ouvir a razão.

Quando uma vez o fanatismo gangrenou um cérebro a doença é quase incurável.

Que responder a um homem que vos diz que prefere obedecer a Deus a obedecer aos homens e que, conseqüentemente, está certo de merecer o céu se vos degolar?

De ordinário, são os velhacos que conduzem os fanáticos e que lhes põem o punhal nas mãos: assemelham-se a esse Velho da Montanha que fazia – segundo se diz – imbecis gozarem as alegrias do paraíso e que lhes prometia uma eternidade desses prazeres que lhes havia feito provar com a condição de assassinares todos aqueles que ele lhes apontasse. Só houve uma religião no mundo que não foi abalada pelo fanatismo, é a dos letrados da China. (Dicionário Filosófico Voltaire, 1764)

Pois se os efeitos de uma fala entusiástica, a um nível extremado, podem provocar efeitos danosos, se torna importante destacar esses efeitos avassaladores que atos dessa categoria ocasionam na humanidade, aliás, como toda e qualquer ação originada por esse sentimento. Emoção descontrolada, implicações geralmente trágicas.

O fanatismo também é definido pelo Dicionário Houaiss como sendo alguém que se

mostra excessivamente entusiástico, exaltado, de uma devoção quase sempre cega. Já o Dicionário UNESP do português contemporâneo esclarece que se trata de uma adesão cega a uma facção, uma ideia, um programa, uma agremiação. Diz ainda ser uma paixão ou crença irracional.

Quando o extremismo atinge o limite máximo é quando o indivíduo faz absolutamente qualquer coisa para conseguir seu objetivo. Assim, está desenhado o perfil mais indesejado de uma pessoa, pois se caracteriza como o grande causador dos males que avassala a terra. Exemplos sobram para elucidar a questão, pois basta observarem-se as grandes guerras, religiosas ou não, porquanto sempre estará presente esse elemento pernicioso e destruidor.

O Novo Testamento (Tiago, 3:2-3) afirma: “Aquele que não tropeça ao falar é realmente um homem perfeito, capaz de efrear todo seu corpo”. A palavra se revela também no pensamento e, nessa manifestação seus efeitos também são importantes, cruciais para direcionar nossas emoções e decisões. Poder-se-ia afirmar que a inteligência emocional está diretamente ligada às palavras e, por conseguinte, derivada dessa construção permanente na vida do ser humano.

William Q. Judge (1946, p 11) diz que “devemos usar com cuidado estes mensageiros vivos chamados palavras”. Enquanto isso, Carlos Cardoso Aveline (2006) afirma que a utilização da palavra define o ser humano, sendo assim a fala, muito mais do que um mero som ou uma sequência lógica de pensamentos. É uma corrente magnética que contém e transmite vida.

Na Grécia antiga, Platão escreveu:

Só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma, sobre o que é justo, belo e bom – apenas nelas se encontra uma força eficaz, perfeita e divina a ponto de nelas empregarmos os nossos esforços (...). Quanto aos demais discursos, podemos desprezá-los. (PLATÃO, 2004, pp. 123-124)

Amossy (2005) salienta para o fato de que se o público percebe alguém que prega

certa doutrina, mas não aplica seus princípios, desnuda sua hipocrisia, caindo em descrédito. Ao contrário, se alguém ao reconhecer as contradições de uma tese que havia proposto, abandona-a ou a modifica, sua credibilidade epistêmica aumenta. Amossy ainda cita Chaim Perelman a respeito da esquematização do orador:

Se se trata não de fatos, mas de opiniões, e sobretudo de apreciações, não somente a pessoa do orador, mas também a função que ele exerce, o papel que ele assume, influenciam de modo incontestável a maneira pela qual o auditório acolherá suas palavras [...]. Aristóteles a estudava sob o nome de *ethos oratório*, como um dos três componentes da eficácia da persuasão, sendo os outros dois o *logos* e o *pathos*, o apelo à razão mediante argumentos e os procedimentos retóricos que visam suscitar as paixões do auditório. (Amossy, 2005, pp. 93-94, em nota explica que o texto foi extraído da obra *The Poetics of the Biblical Narrative. Ideological literature and the Drama of Reading*, publicado em 1987 (Bloomington, Indiana University Press) e adaptado o inglês por Aviva Sher-Maayani e Ruth Amossy.).

Voltaire (2011) cita em sua obra: “Tratado sobre a tolerância” que para que “um governo não tenha o direito de punir os erros dos homens, é necessário que esses erros não sejam crimes; os erros somente são crimes quando perturbam a sociedade; eles perturbam a sociedade desde que inspirem fanatismos: é preciso, portanto, que os homens comecem por deixar de ser fanáticos a fim de merecer a tolerância”. Percebe-se, aqui, a extrema preocupação de Voltaire, exatamente com esse tipo de atitude extremada, salientando ser pontualmente um motivo claramente justificado para merecer punição, sem tolerância.

3 “LOUCURAS” E SUICÍDIOS EM MASSA

O poder da fala se torna ultrajante quando exercido para comandar multidões ao caos e até mesmo ao suicídio coletivo. Já vem de longo tempo às ações terroristas em que adeptos a organizações políticas e guerrilheiras, doam suas vidas em ações suicidas, com promessas de recompensas divinas. Possivelmente elas sejam precedidas por discursos persuasivos de alguns de seus líderes, muito embora o idealismo individual possa ter um peso significativo em decisões dessa natureza.

Entretanto, nada mais estarrecedor do que os suicídios em massa em que a humanidade assiste perplexa e repetidamente. Além das mortes, chama a atenção à capacidade de aglutinamento, por parte de alguns desses líderes, de seguidores em situações simplesmente escalafóbicas. Somente no século passado a mídia internacional divulgou inúmeros desses acontecimentos bizarros que se sucederam pelo globo afora.⁴

3.1 *Ho No Hana Sanpogyo* é uma seita japonesa, conhecida também por “seita da leitura do pé”. O seu fundador, Hogen Fukunaga, afirma ter o poder de diagnosticar doenças ao examinar os pés das pessoas. Fundou a coligação em 1987 e afirmava ser a reencarnação de Jesus Cristo e, também de Buda. O grupo já afirmou possuir 30 mil membros. Notícias dão conta de que Hogen cobrava US\$ 900 pelas leituras de pé. Ele foi acusado de fraudar donas de casa e teve que pagar mais de um milhão de dólares em danos. Hoje o nome da seita mudou para “*Yorokobi Kazoku no Wa*”.

No caso da seita acima, como não suspeitar das suas reais intenções, quando há tanto valores financeiros envolvidos numa constante transferência de dinheiro dos fiéis aos seus pastores? Veja-se o relato da Igreja Raeliana:

3.2 Para os que acreditam que naves espaciais semearam a maioria das religiões, que transferência mental é possível e clonagem pode levar à reencarnação, podem ser candidatos à igreja Raeliana que começou na França na década de 1970. Uma seguidora dessa seita apareceu na mídia em 2003 por haver afirmado que havia concebido o primeiro clone humano, porém, logo em seguida o evento foi avaliado como um trote.

Com tantas fraudes, já de conhecimento público, tal qual esse da igreja Raeliana, se um algum dias surgir um fato verídico parecido com essas circunstâncias, como as pessoas se convencerão? Ainda mais que por si só já teria a condição de ser um acontecimento inusitado e a sua conseqüente estranheza. Na sequência de alguns resgates históricos de loucuras provocadas pela habilidade verbal, estremecem os próprios sentimentos de preservação da espécie, quando há o encontro de informações como no caso do Corpo de Cristo:

3.3 O Corpo de Cristo é um pequeno grupo autoritário que se baseia em “revelação direta” e não na bíblia. Esta pequena seita apareceu nas manchetes por haver levado duas crianças à morte por inanição. Samuel Robidou, um bebê de dez meses morreu de subnutrição. Ele não foi alimentado porque sua mãe estaria esperando por um sinal de Deus para fazê-lo. O filho de Rebecca Corneau, Jeremiah, morreu logo após nascer por falta de cuidados médicos básicos. Um dos antigos membros deixou o grupo depois de dez anos e deu para a polícia um diário que descrevia o que ocorreu com as crianças.

⁴ Os subitens do capítulo 3 estão baseados na matéria: As 10 seitas mais malucas do mundo. Disponível em: <http://hypescience.com/as-10-seitas-mais-malucas-do-mundo/> Acesso em 02/02/2012.

Pergunta-se, que força extraordinária de argumentação pode ter levado uma mãe acreditar em algo dessa natureza em detrimento a vida do próprio filho? Por outro lado quantos anúncios da segunda vinda de Cristo ou de um anticristo já temos notícia? A Ordem do Templo Solar foi mais um caso:

- 3.4 A Ordem do Templo Solar foi criado em 1984 por Luc Jouret, um belga e neonazista. O grupo seria cristão e também conhecido como a segunda vinda de Cristo e os Cavaleiros Templários. Alega-se que uma criança foi sacrificada por pensarem ser o anticristo em 1994, dias depois ele e dúzias de seguidores cometeram suicídio. Os franceses hoje consideram a organização criminosa.

A desarmonia da fala com os sentimentos virtuosos pode levar multidões à enganação e a produzir revoltas com dezenas de mortos, como foi o caso dos Davidianos:

- 3.5 Considerado um dos maiores dissidentes da igreja Adventista do Sétimo Dia, os Davidianos são famosos pela revolta de 1993 no seu complexo *Waco*, no Texas, EUA, que acabou com a vida de 76 pessoas. O evento resultou mais ou menos no desaparecimento do que muitos consideravam uma seita, que acreditava no apocalipse iminente.

No ambiente prisional o surgimento de alguém com essa capacidade argumentativa e envolvente é um perigo, pois a possibilidade de acontecerem consequências trágicas é saliente, como foi o caso de Charles Manson:

- 3.6 Charles Manson, que aprendeu a tocar guitarra na prisão, formou a sua “família” de criminosos em 1968. Charles pensavam que uma guerra de raças entre brancos e negros iria eclodir em 1969. Quando isso não ocorreu ele enviou seus seguidores em uma série de assassinatos para “mostrar aos negros como se fazia”, mas as vítimas eram as pessoas que não o haviam ajudado em sua carreira musical.

Alta capacidade de imaginação ou seria uma loucura coletiva que a fala de Marshall Applewhite conseguiu provocar em seus seguidores? A síntese de mais esse bizarro acontecimento é esta:

- 3.7 Os seguidores da seita *Heaven's Gate*, liderados por Marshall Applewhite, pensavam que a Terra e tudo que há nela seria “reciclado” e acreditavam que poderiam pegar uma carona no cometa *Hale-Bopp*, em março de 1997, o que os permitiria sobreviver. Os 39 membros, incluindo Marshall, envenenaram a si mesmos em turnos em uma mansão na Califórnia, vestindo tênis da Nule e tarjas ao redor do braço que diziam “Equipe de Desembarque *Heaven's Gate*”.

Fanatismo e loucura acabam por se confundir quando alguém consegue provocar atos terroristas em nome de algum idealismo, ou na esperança de alcançar bênçãos ou poderes extraordinários. Aum Shinrikyo é um exemplo dessa constatação:

- 3.8 Fundada em algum ponto da década de 1980, *Aum Shinrikyo* é famosa pelos ataques ao metrô de Tóquio com o gás sarin em 1995, matando 12 e ferindo mais de 5 mil pessoas. As crenças da seita são frequentemente descritas como uma mistura de aspectos destrutivos de várias religiões. Vários seguidores acreditavam que iriam desenvolver superpoderes e outros saboreavam a chance de lutar contra o materialismo japonês.

Uma das mais famosas aberrações coletivas foi provocada pelo reverendo Jim Jones.

Que palavras teria utilizado o reverendo para provocar o suicídio de quase mil adeptos? A notícia aterrorizou o mundo inteiro. Em poucas linhas o acontecimento se resume dessa forma:

- 3.9 O reverendo Jim Jones começou a *Peoples Temple* para ajudar os sem-teto, desempregados e doentes de todas as raças, mas ex-membros afirmaram que abusos eram comuns dentro do grupo. Para remover este grupo do olhar examinador da sociedade, Jim começou uma colônia nas selvas da *Guyana*, onde esperava construir uma utopia tropical. Quando um congressista visitou a comunidade juntamente com três jornalistas para investigar alegações de abuso eles foram mortos quando tentavam deixar o local. Depois deste tiroteio 913 membros da comunidade beberam cianureto com suco, em um suicídio em massa. Há registros de áudio e vídeo do evento e muitas pessoas foram forçadas a beber o veneno, incluindo centenas de crianças.

Em todos os relatos acima há uma evidência flagrante de que foram precedidos por uma eloquente oratória, diferente de outros tipos de suicídio coletivo que se tem notícia, como foi o caso dos sessenta suicídios, entre o ano de 2008 e 2011 na empresa France Télécom, os quais nitidamente estavam ligados a estratégias violentas de gestão, em busca do resultado.⁵ Diferente, também, dos pressupostos suicídios de duzentos mil proprietários rurais indianos, na década passada, atribuídos à introdução da semente geneticamente modificada Bt Algodão pela empresa Monsanto.⁶

Portanto, não é correto se afirmar que todo suicídio coletivo é precedido por um eloquente discurso, ao menos de forma direta. Porém, não inviabiliza a observação do seu imenso poder, nesse caso, destruidor e letal.

Também não é possível isentar que esses outros suicídios em massa, não tiveram indiretamente uma influência de uma perspicaz oratória, em algum momento do processo,

⁵ Funcionário da France Télécom imola-se pelo fogo. Disponível em: <http://quemtemmedodademocracia.com/2011/04/27/suicidios-em-massa-na-franca/> Acesso em 02/02/2012.

⁶ Índia: Monsanto, Suicídios em Massa e Desestruturação do Setor Rural. Disponível em: <http://www.luizprado.com.br/2011/01/02/india-adaptacao-as-mudancas-climaticas-e-omissao-na-formulacao-de-politicas-de-seguranca-alimentar/> Acesso em 02/02/2012.

desde a construção do cenário, até a fatalidade. Por exemplo, seria possível se imaginar que a construção de um império empresarial, como é o caso da empresa Monsanto, foi precedida, além de competência administrativa, por eloquentes gestores. Logicamente que sendo a estratégia mercadológica a causadora dos males aos proprietários rurais, no máximo a oratória teria uma culpa indireta e por várias linhas distintas.

Seja como for, esse fenômeno instiga a curiosidade dos cientistas do comportamento, muito embora a produção de conhecimentos sobre esses fatos ainda sejam raros.

4 DELÍRIOS COLETIVOS

O comportamento das pessoas quando reunidas com outros pares se modifica em relação ao seu comportamento individual. Isso não é nenhuma novidade, mas alguns esclarecimentos são pertinentes para complementar o contexto do poder da fala, seus reflexos e consequências.

O pensamento do filósofo Morin (1969) traça as novas categorias produzidas pela cultura de massas: “o arquétipo converte-se em estereótipo, a forma em fórmula, o ritual em espetáculo e o herói mítico em modelo mimético de consumo”.

Geralmente são artistas, políticos e religiosos os criadores de uma legião de seguidores, algumas vezes com comportamentos fora dos padrões convencionais, como a presença de gritos alucinados, um desejo incontido em tocar em seu “ídolo” e assim por diante.

Poder-se-ia elencar aqui acontecimentos com comportamentos históricos dos mais diversos, porém, o conhecimento disso é de pleno domínio público, o que por si faz dispensar plenamente dessa necessidade. A respeito disso, recomenda-se a obra de Pinsky; Pinsky (2010), “Fases do Fanatismo” o qual traz uma série de relatos sobre alguns acontecimentos

históricos a respeito das barbáreis provocadas por aqueles casos.

Pinsky (2010) observa que muito embora a flagrante banalização do termo fanatismo há uma enorme diferença entre um “fanático por novela” e um “fanático nazista”. Decifrando as origens do termo ele explica:

Fanático é um termo cunhado no século XVIII para denominar pessoas que seriam partidárias extremistas, exaltadas e acrílicas de uma causa religiosa ou política. O grande perigo do fanático consiste exatamente na certeza absoluta e incontestável que ele tem a respeito de suas verdades. Detentor de uma verdade supostamente revelada especialmente para ele pelo seu deus, (portanto não uma verdade qualquer, mas A Verdade), o fanático não tem como aceitar discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que apresenta como sendo seu conhecimento: a origem divina de suas certezas não permite que argumentos apresentados por simples mortais se contraponham a elas: afinal, como colocar, lado a lado, dogmas divinos e argumentos humanos? (Pinsky, 2010, pp. 11-12)

O fato é que esse poder persuasivo é tão avassalador, em alguns casos, os quais mereceriam um estudo aprofundado e individual para se estabelecer as variáveis causadoras desse convencimento que em alguns casos se transformam numa idolatria ilimitada.

5 O DISCURSO QUALIFICADO

Qualificação deveria pressupor algo composto de todas as virtudes. Porém, o mercado considera qualificação como algo preparado para o resultado, para o lucro. O sentido que se quer dar nessa situação é quanto a sua efetividade, ou seja, a soma da eficiência com a eficácia⁷. Epicteto (2006) concluiu que os que procuram viver uma vida mais próxima à virtude, mais elevada, portanto, passam a compreender o poder moral das palavras. Observou, por outro lado, que o falar irreprimido é como um veículo descontrolado. Não é preciso limitar-se a assuntos refinados o tempo todo, tampouco filosofar a todo instante, mas compreender perfeitamente a importância, o significado e a influência da palavra pronunciada

⁷ Na ciência administrativa é entendimento comum de que *eficiência* está ligada ao modo mais rápido, econômico e correto, enquanto que a *eficácia* está ligada a capacidade de produzir resultados, lucro. A soma das duas qualidades se atribui o termo *efetividade*.

é básico para a formação de um bom caráter e para o desenvolvimento, para o progresso e, para utilizar um termo mais atraente, para o sucesso.

Aliás, são do mesmo Epicteto (2006) as afirmativas de que:

O único e precioso objetivo de todos os nossos esforços é uma vida em expansão no caminho da plenitude. A verdadeira felicidade é um verbo. É o desempenho contínuo, dinâmico e permanente de atos de valor. A vida em expansão, cuja base é a intenção de buscar a virtude, é algo que improvisamos continuamente, que construímos a cada momento. Ao fazê-lo, nossa alma amadurece. Nossa vida tem utilidade para nós mesmos e para as pessoas que tocamos. (Epicteto, 2006 p.70)

Entretanto, a distorção dos valores predomina em nossa sociedade. Muito embora a importância desses pressupostos de moral, de felicidade, de busca da virtude, enfim, eles estão relegados a planos secundários na vida da maioria das pessoas, e isso é público e notório. A proposta é primeiramente dar um enfoque à luz da *episteme*, para na sequência pensar sistematicamente e filosoficamente.

Winck e Triches (2009, p.14) definem que “a filosofia é a ciência do ser enquanto ser e, em última instância, a ciência do princípio dos princípios, a causa última”.

Para ter-se uma oratória qualificada é necessário, antes de qualquer coisa, ter a capacidade de formar pensamentos complexos e estruturados. Uma das formas mais eficazes no desenvolvimento intelectual, com influência direta na formação de ideias mais completas ou complexas – construção composta de numerosos elementos interligados ou que funcionam como um todo –, sem dúvida é a leitura.

É a partir da palavra escrita – um sistema imenso formado por signos que serve para exprimir graficamente a linguagem – que se possibilita ao ser humano aprimorar continuamente sua comunicação.

O falar complexo inclui uma personificação de imagens, explicado por Amossy, (2005), que o orador deve saber que o ouvinte faz de quem fala, independentemente do locutor fazer ou não o seu autorretrato. O próprio Aristóteles afirmou em sua Retórica que “ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão”. Assim, além

da própria indução natural, facilitar esse processo, sem sombra de dúvidas, é conveniente. Isto deve ser feito na preleção da retórica, informando aos ouvintes o que é e o que não é. Amossy (2005, p.12) aprofunda a questão nestes termos: “É a pragmática ampliada que caberá desenvolver a questão da imagem de si no discurso, principalmente em razão do seu interesse pelas modalidades segundo as quais o locutor age sobre seu parceiro na troca verbal. Na realidade, passamos de interlocução à interação.”

Para poder atingir esse nível de poder há necessidade de desenvolver um elevado grau de Inteligência Emocional. Uma prova dessa necessidade seria imaginar alguém com elevado poder de persuasão pela fala, perdendo o controle por qualquer motivo. O próprio poder elevado de persuasão, por si mesmo, já seria nulo, ou seja, não existiria. Portanto, é uma questão intrínseca, por consequência.

Voltaire (2011) cita Santo Atanásio em seu livro primeiro dizendo que “é uma heresia execrável querer atrair pela força, por espancamentos, por aprisionamentos aqueles que não se pode convencer pela razão”.

6 A ÓTICA DE ALGUNS PENSADORES

Na obra “Giorgias e a Oratória” (Platão, 1986), encontra-se que Sócrates já concluía que a oratória é uma produtora de persuasão. Nessa mesma obra, encontra-se o diálogo com Polo, o qual questiona se os oradores não dispõem de um poder imenso, na medida em que possa, a seu gosto, confiscar bens, desterrar e executar qualquer cidadão. Sócrates não concorda, distinguindo a ação do seu propósito, já que ingerir a tisana é ação, enquanto restaurar a saúde, o propósito. Cita, ainda, Sócrates, que ao tirano pode se afigurar conveniente a prática de violências, mas que nem sempre é assim e ele pode se enganar. Assim, fazendo o que lhe parece melhor, não realiza o que de fato deseja. Logo ele não dispõe

de um poder imenso, ou este não é um bem.

Aristóteles (2005), diz que a retórica sempre foi uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso.

Baccega, em seu livro “Palavra e discurso – história e literatura” observa sobre a questão da ambiguidade:

Poderíamos, talvez, escrever uma com maiúscula e outra com minúscula; sublinhar outra e não uma. Mas para quê? Se sabemos que a palavra só assume seu significado no contexto, no discurso, é ele quem desfará a ambiguidade. E se, porventura, isso não ocorrer, que se mantenha o jogo de possibilidades. (Baccega, 2011, p. 17).

Michel Foucault (2007) desenha o contexto da mudança de ordenamento que acontece no discurso ocidental numa época que se desdobra do Renascimento até o final do século XVIII e começo do século XIX (época em que o filósofo define como um tempo de efetivação da ideologia chamada de modernista).

A caracterização estabelecida nas chamadas "ciências humanas" e aquelas que ganham o rótulo purificado de "ciências exatas", também vista na obra, se destaca por visualizar no início e na continuidade do humanismo um fato causador de crise para próprio discurso científico, de uma forma geral, mesmo para toda a episteme moderna.

O texto traz um legado para a história e para o ser humano, como definição e como instrumento e conteúdo para pesquisa.

Michel Foucault acaba cercando sob todos os aspectos e lados o debate filosófico. A sua teoria do discurso⁸ é um marco na história, já que elaborou, de forma marcante, um divisor na filosofia.

Essa separação acontece não sem deixar consequências em todas as distintas dimensões do conhecimento. É que toda a magnificência da teoria de Foucault, e a própria sequência de seu pormenorizado escrito, convergem para definir uma esfera de análise. Ela não autoriza dividir o conhecimento em nenhuma particularidade, sem provocar um legítimo

⁸ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

jogo de poder – tão comum nos dias atuais – mesmo que escondido nos meandros filosóficos dos debates.

A particularidade homologa o significante na figura do conceito. Mesmo com isso todo e qualquer conceito deve ser reconhecido pelas suas amplas restrições para um amplo e verdadeiro saber. A filosofia não é menos ideológica do que qualquer outro campo investigativo, em especial no campo científico, mas que se pode incluir aí a própria história, religião, tradição, etc.

Determinar um caminho, um norte, enfim, é importante, mas definir para o próprio saber um lugar privativo de navegação é um delito da filosofia – como é o crime de toda organização positivista do saber –, dolo que surge despido no caminho teórico da análise foucaultiana.

A arqueologia do saber de Foucault (2008), por sua vez, revela aquilo que fica sempre enaltecido pela lógica absoluta do discurso. Sempre está presente nos minuciosos textos de Foucault a questão de que a filosofia movimenta-se dominada pelo próprio objeto que o demarcou. Isso está claro na análise do modo como Foucault mede o surgimento ponto crítico em Kant. Ele propõe o que a crítica kantiana oferece, por uma via transversa, como o principal aparato de legitimação dos discursos de especificidade. Decorre porque a crítica cria uma circunstância moral para a preleção, que se eterniza alicerçada como complemento crítico. O conceito, em sua particularidade, traz a esboço do saber para os jogos de poder.

Nesse direcionamento o processo histórico se torna uma vítima. Ignorar o aleatório como possibilidade é o confronto ou até mesmo a inviabilização de qualquer reflexão.

A eterna busca do saber, a flexibilidade das preposições e sua firme disposição para o jogo, é o que a fala filosófica camufla por sob a vestimenta de um véu errante, que abriga o seu próprio código. Dessa forma acaba existindo um inibir do crescimento e até da libertação do conhecimento como objeto de seus vínculos institucionais.

Michel Foucault diz que:

A história da loucura seria a história do outro – daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser, portanto excluído (para conjurar-lhe o perigo interior), encerrando-o, porém (para reduzir-lhe a alteridade). (Foucault, 2007, p. 27)

Analisando sob esse prisma de que partir do *louco* que é o *outro*, como surpresa, e como final em um simbolismo diminuidor da alteridade, pode-se avaliar como isso acontece na oratória atual.

Um dos significantes mais comuns da atualidade é a resposta egocêntrica que os indivíduos comumente apresentam à semântica empresarial, permanentemente presente no discurso com sua coerência de competitividade, no fundo sem lógica moral.

Esse é o imperativo do discurso atual. A repetição de uma mentira fatalmente confundirá a verdade até então reconhecida como tal. As qualidades da demonstração de um modo de enunciação são integralmente partilhadas no decorrer do tempo, no distender-se concatenado – e sutilmente prevenido aos desmandos – da animação infinita das falas e dos sintomas decorrentes.

Esse contexto de uma brutal competitividade levará cada vez mais adiante o avanço individualista? Quem surge como espelho para o moderno nas composições mercadológicas?

O que seria normal, ordinário para quem é egoísta ou egocêntrico? No individualista, é possível refletir-se a alteridade⁹? Os espectros da loucura perseguem o indivíduo moderno em seu espelho em sociedade, na medida em que só há valor e importância na sua própria individualidade ou o que dela se produzir.

Assim, conclui-se que para o ser humano atual o louco não é o *outro*, mas os *outros*. Sendo todos os outros os loucos, eis que se apresenta uma, normalização da marginalização da alteridade.

⁹ Situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença [Relegada ao plano de realidade não essencial pela metafísica antiga, a alteridade adquire centralidade e relevância ontológica na filosofia moderna (hegelianismo) e esp. na contemporânea (pós-estruturalismo). Fonte: HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Constata-se assim que na dialética da normatização pré-moderna, a figura do derrotado não havia, porque o grande delito é incluir o louco. Hoje, quando predomina o individualismo o que se vê é uma união de loucos, quando as grades já são mera fantasia e os espectros não mais cogitam, mas espantam, está delineado o fim da alteridade para o indivíduo. Temos assim a antítese que agora não nega mais, mas intimida; uma exclusividade excludente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a interligação da retórica com os componentes espirituais da vida são muito grandes. Isso explica, inclusive, a grande influência do discurso nas religiões. O próprio clamor popular indaga até que ponto todas essas religiões tem realmente fundamentos espirituais ou são econômicos. Aliás, por que, invariavelmente, os comandos centrais dessas religiões são extremamente ricos economicamente e, aparentemente pobres em espírito?

Entretanto, independentemente da fé ou credo religioso, é inegável a importância dos valores espirituais da vida, vital para a consciência humana. E isso tem sido relegado, corroído por ataques sucessivos e violentos pelo implacável avanço do materialismo científico.

Este é apenas um ensaio de um trabalho que aprofundado poderá, com toda e necessária conotação científica, colaborar para não só motivar o surgimento de grandes oradores, mas também ao esclarecimento popular. Afinal de contas, ao findar essa reflexão, pode-se levar uma série de questionamentos, como por exemplo: há alguma magia, algum método altamente eficaz para arrastar multidões até mesmo ao suicídio?

Os fatos e dados aqui apresentados, contém indicativos da viabilidade de se tratar a oratória mais seriamente. Por que não ser uma disciplina aplicada já desde os primeiros anos

do ensino fundamental? Seja como for, clama-se acender a luz na escuridão em que a grande maioria dos seres humanos convive invariavelmente manipulada e iludida pelo poder.

Sim, a vida tem sido uma grande ilusão.

Mas isso já outra história, mesmo que o engano aconteça pela pronúncia categórica e com maestria de oradores que servem aos desinteresses populares.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2 ed. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

As 10 seitas mais malucas do mundo. Disponível em: <http://hypescience.com/as-10-seitas-mais-malucas-do-mundo/> Acesso em 02/02/2012.

AUSTIN, J.L. **How to things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AVELINE, Carlos Cardoso, 2006. **O poder da Palavra**. Disponível em: <http://www.filosofiaesoterica.com.br> Acesso em 25/12/2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Domingos Zamagna et al. São Paulo: Vozes, 1982.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

EPICTETO. **A arte de viver** – uma nova interpretação de Sharon Lebell. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel.. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel.. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Funcionário da France Télécom imola-se pelo fogo. Disponível em: <http://quemtemmedodademocracia.com/2011/04/27/suicidios-em-massa-na-franca/> Acesso em 02/02/2012.

- GURDJIEFF, Juarez, 2007. **O poder do verbo**. Disponível em: <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=20458> Acesso em 24/12/2010
- HAY, Louise L. **Você pode curar a sua vida**. São Paulo: Best Seller, 2007.
- HEGENBERG, Leonidas. **Saber de e saber que: alicerces da racionalidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- Índia: **Monsanto, Suicídios em Massa e Desestruturação do Setor Rural**. Disponível em: <http://www.luizprado.com.br/2011/01/02/india-adaptacao-as-mudancas-climaticas-e-omissao-na-formulacao-de-politicas-de-seguranca-alimentar/> Acesso em 02/02/2012.
- JUDGE, William Q. **Letters tha have helped me**. Los Angeles, The Theosophy, 1946.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- KUPFER, Pedro, 2011. **O que é o mantra OM?** Disponível em: <http://www.jardimdoyoga.com.br/novo/?p=413> Acesso em 17.01.2012.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Faces do fanatismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- PLATÃO. **Fedro**. São Paulo; Martin Claret, 2004.
- PLATÃO. **Górgias e a oratória**. São Paulo: Difel, 1986.
- REBELO, Mauro, 2007. **Quando o homem começou a falar?** Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/vqeb/2007/05/quando-o-homem-comecou-a-falar/> Acesso em 2010.
- SORGE, Márcio, 2011. **Reflexões sobre música e consciência**. Disponível em: <http://www.gnosisonline.org/misterios-da-musica/reflexoes-sobre-musica-e-consciencia/> Acesso em 23/12/2010.
- VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico Voltaire (1764)**. MORAES, Ridendo Castigat editor. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html> Acesso em 31/01/2012.
- VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- WINCK, Otto Leopoldo; TRICHES, Ivo José; REZENDE, Cláudio Joaquim et al. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2009.